

Samambaia

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS | GOIÂNIA, OUTUBRO, 2013



Saúde

Métodos naturais da medicina popular são uma boa opção para tratamentos de saúde

>> 7



Homofobia na ficção e na realidade

Embora apresente conquistas no cinema, a aceitação da diferença sexual e o respeito a homoafetividade ainda têm um longo caminho nas relações cotidianas >> 8e9



Religião

Igreja evangélica promove evento em Goiânia para atrair jovens >> 14

Economia

Goiás vai na contramão do País com baixos números na inflação >> 13



editorial

Entre estigmas e perspectivas

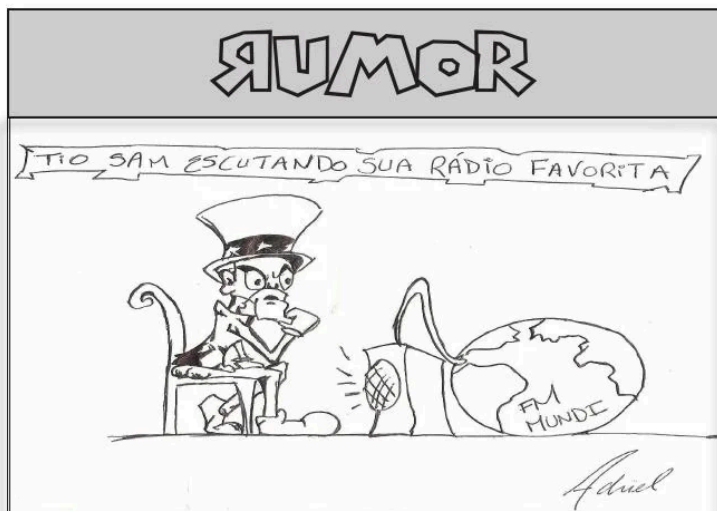
Texto: Júnior de Oliveira e Renato Veríssimo

As discussões sobre homossexualidade e homofobia ganharam cada vez mais espaço, nas últimas décadas, em quase todos os seguimentos sociais. Não porque houve uma efetiva conscientização sobre o assunto, mas porque o mesmo conquistou espaço em jornais, novelas, cinemas e redes sociais. No entanto, estes espaços trazem, na maioria das vezes, abordagens insensatas, cafonas e discriminatórias.

Até mesmo espaços considerados machistas ou intolerantes estão obrigados a dialogar com a homossexualidade. O estigma então acabou? Não! Está longe do fim! No entanto, todos passaram a se relacionar com o tema opinando, discutindo falsas verdades e muitas vezes combatendo preconceitos.

Recentemente, o Congresso Nacional ensaiou uma discussão e o que conseguiu foi muita polêmica. Esta, por sua vez, não deixou passar ileso nem mesmo a autoridade máxima da Igreja Católica, conseguiu se esquivar do assunto. Em uma entrevista coletiva a uma rede de televisão, o papa Francisco quebrou o tabu e declarou sua tolerância em relação aos homossexuais. "Quem sou eu para julgá-los", questionou o pontífice. Com certeza, a fala do sucessor do hermético Bento XVI abre espaço para um diálogo mais íntimo entre a Igreja Católica e os homoafetivos.

Entre outros temas, a edição do jornal Samambaia deste mês aborda esse assunto a partir de perspectivas diferentes. Em uma das reportagens, podemos ler a interpretação cinematográfica de experiências que fogem ao modelo hete-



ronormativo. Em outra, o tema vem com a discussão sobre o impacto da homossexualidade nos estádios de futebol.

Ainda nesta edição, assuntos relacionados à economia, com os níveis de ex-

pectativas para inflação. Também a luta por um transporte de qualidade está em discussão, bem como o incentivo à leitura infantil. Já o tradicional Olhares traz uma bela leitura sobre o Festival Sagarana.

artigo

Passo a passo do proletariado: o estágio!

Texto: Thalys Augusto e Laura Machado

A arte de se preparar para uma entrevista de estágio é uma prática pouco discutida. O que vestir? A roupa é um item que varia de acordo com o perfil de seu empregador e não com o seu próprio estilo, é bom aprender isso desde agora pra não sofrer mais pra frente. Agência de publicidade e produtor cultural: camiseta xadrez e óculos de massa. Sindicatos e cooperativas: colar de sementes e camiseta vermelha. Grandes empresas e redações: gola polo e sapatênis. De qualquer forma, em todos os casos, tome um bom banho e vá com roupas limpas.

Não chegue cru na entrevista, essa história de "seja você mesmo" é uma balela. Procure informações sobre o seu possível empregador, pesquise na internet e procure falar com antigos funcionários. Em cima dessas informações, formule ideias sobre o que você "pensa" da empresa, do mercado de trabalho, da sua futura vida profissional e adapte seu currículo de acordo com o perfil. Assim vai ficar bem mais fácil na hora de responder as perguntas.

A dinâmica da entrevista pode ser coletiva ou individual. Se for coletiva, a segunda etapa vai ser individual, se prepara. A entrevista em grupo requer um cuidado especial, saber o limite entre se isolar e chamar muito a atenção para si. E não pense que uma é melhor que a outra, se na coletiva você sente pressão para competir com os demais interessados na vaga, na individual a pressão é por estar a sós, frente a frente com a pessoa responsável pela contratação.

Saiba do perigo de vivenciar constrangedores momentos nas dinâmicas de grupo e gincanas. Imagine que você está no deserto com apenas uma caneta na mão e você tem que usar essa caneta para atravessar um oásis para buscar um médico e salvar o cachorro e sua esposa. A situação é sempre absurda, mas finja que realmente está levando aquilo a sério, só não se empolgue.

Além das situações constrangedoras e da ansiedade, existe também a concor-

rência. A interação com as outras pessoas interessadas na mesma vaga que você não é fácil, seja na sala de espera, seja durante os momentos coletivos. Vocês estão todos ali disputando uma única vaga, umazinha só, não tem como o ambiente ser dos mais agradáveis. E se você for o cara sociável que fala com todo mundo logo vai se tornar alvo dos demais, sendo rotulado como chato ou falso, mesmo que seja apenas você sendo você mesmo – como já foi dito, não existe isso de "seja você mesmo".

Passadas as entrevistas coletiva e individual, a entrega de currículo, a dinâmica de grupo e tudo mais que fez parte do processo de seleção, você acha que finalmente vai poder respirar tranquilamente, mas mal sabe que o que vem depois é só mais ansiedade e nervosismo: a espera pela resposta.

Foi contratado? Parabéns, seja bem-vindo à vida de proletário, agora é pra vida inteira.

Samambaia

Ano XIII – Nº 63, outubro de 2013
Jornal Laboratório do curso de Jornalismo
Faculdade de Informação Comunicação
Universidade Federal de Goiás

Reitor
Professor Edward Madureira Brasil

Diretor da Faculdade
Professor Magno Medeiros

Coordenador do Curso de Jornalismo
Professor Edson Luiz Spenthof

Coordenadora Geral do Samambaia
Professora Luciene Dias

Editor de Diagramação
Professor Salvo Juliano

Monitoria
Larissa Quixabeira

Diagramação
Alunos da disciplina Laboratório Orientado –
Diagramação

Edição Executiva
Alunos da disciplina Jornal Impresso II

Produção
Alunos da disciplina Jornal Impresso I

Contato
Campus Samambaia - Goiânia/GO - CEP 74001-970
Telefone: (62) 3521-1851
E-mail: samambaia.monitoria@gmail.com
Versão online: issuu.com/jornalsamambaia

Impressão: Cegraf/UFG
Tiragem: 1000 exemplares



Bandeirantes espaciais rumo a Marte

PROJETO MARS ONE PROMETE LEVAR PESSOAS PARA MORAR NO PLANETA VERMELHO A PARTIR DE 2023, SERÁ REALMENTE POSSÍVEL?

Texto: **Kaito Campos**
Edição: **Thalys Augusto**
Diagramação: **Alice Orth**

Misture um bocado de futurismo com aquela ânsia de conquista de Napoleão. Depois, coloque tudo numa forma untada com coragem, deixe no forno e espere até 2023. É o que promete a iniciativa do cientista holandês Bas Lansdorp, intitulada Mars One, uma receita aparentemente simples, mas que conseguiu atrair o faro de mais de 100 mil pessoas pelo mundo. O objetivo é passar essa gente toda por uma peneira e selecionar quatro delas para viajar a Marte.

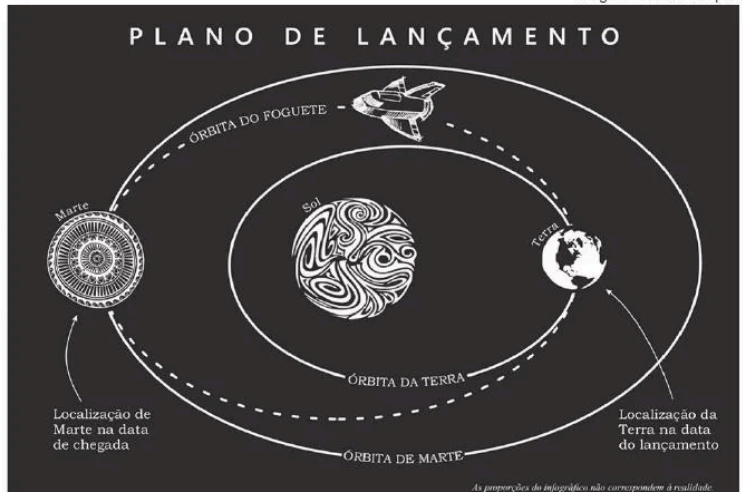
A viagem está marcada para daqui a 10 anos e tem a singularidade de garantir só a passagem de ida. Mesmo ciente de que ir a Marte significa se des-

pedir da vida terrena, o estudante de Astrofísica pelo Observatório Nacional, Douglas Rodrigues, 22 anos, é um dos 3 mil brasileiros que se inscreveram no proje-



Como funciona

O professor Fernando Pelegrini explica o jeito mais econômico de se chegar a Marte, que pretende ser usado pela iniciativa Mars One. Como mostra a figura, o foguete é lançado da Terra no momento em que estivermos no ponto mais longe do sol. Em seguida, ele deve entrar numa órbita elíptica com velocidade próxima a que a Terra rodea o sol, ou seja, a 30 km/s. Assim, o combustível só precisaria ser gasto no lançamento, porque após entrar nesta órbita elíptica, o foguete tende a viajar "sozinho" até coincidir com Marte, no momento em que o planeta vermelho estiver mais perto do sol.



to. Douglas defende sua inscrição pela "vontade de explorar outros planetas. Acho que pisar nas areias de Marte seria um feito na história igual ou tão grandioso a quando Neil Armstrong pisou na Lua".

O projeto recebeu o apoio de Gerard 't Hooft, vencedor do prêmio Nobel de Física de 1999, e de Paul Römer, um dos criadores do Big Brother, que pretende transformar a seleção dos participantes num reality show. É daí que vai sair o dinheiro para bancar a Mars One, uma quantia estimada em 6 bilhões de dólares. Mas entre um planeta e outro, paira a dúvida da possibilidade de juntar todos os ingredientes para colonizar um lugar tão longe e tão inóspito.

Contratempos

Inóspito é só um jeito técnico para dizer que lá não é fácil dar corda na rotina de existir. Isto porque a atmosfera

marçiana não tem oxigênio suficiente para a respiração, a gravidade é menor do que a da Terra, as temperaturas variam demais e a radiação cósmica é muito alta, como explicou o professor de Física e Astronomia da UFG, Fernando Pelegrini. A lista de questões aumenta no que o professor lembra que da decolagem até o pouso vai durar uma contração de pálpebra quando tenta segurar o choro e é bem sucedida: sete meses e meio. "Acho que o pessoal exagerou no otimismo. Você passaria tanto tempo dentro de uma nave do tamanho de um ônibus, sem paisagem para você ver?", o professor pergunta, naquele tom de interrogação que pede reticências depois de sair da boca.

Ainda habitante de São Paulo, Terra, Douglas responderia ao professor que enquanto a maioria das pessoas tende a recorrer ao desespero na iminência de um problema, "eu tenho tranquilidade para raciocinar e resolver esta situação",

disse. O maior medo de Douglas são as situações fisiológicas, que não podem ser resolvidas com calma. Por exemplo, em longo prazo, a ausência total de gravidade faz o corpo humano sofrer de osteoporose, atrofiamento dos músculos e disfunção no sistema circulatório. "Os ossos ficam tão fracos que se a pessoa resolvesse voltar para Terra depois, ela não aguentaria o peso do campo gravitacional daqui", conta Pelegrini.

"Sangue do cordeiro", a voz agora é da vigia da Rádio Universitária, Luziene Sena, "eu quero é viver, esse negócio de planeta é para quem fica flutuando". O discurso da vigia representa os céticos mais radicais em relação ao Mars One. O projeto ainda tem a intenção de levar grupos de quatro pessoas a cada dois anos, após o primeiro pouso em 2023. Até lá, nos calamos, curiosos, junto a Hamlet, assumindo ter mais mistérios entre o céu e a Terra do que sonha nossa filosofia.

Feira de livros busca incentivar leitura infantil

EVENTO TRAZ TÍTULOS INFANTO-JUVENIS COM PREÇOS ACESSÍVEIS, MAS ACABA GERANDO QUESTIONAMENTOS ENTRE CLIENTES E VISITANTES

Texto: **Amanda Damasceno**
Edição: **Karla Araujo**
Diagramação: **Jéssica Cardoso**

Em trabalho científico apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú, a então acadêmica Eline Fernandes de Castro apresentou a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança. Fernandes destaca que os livros trazem contribuições para o emocional, social e cognitivo que são indiscutíveis. Ela também traz a necessidade de se frequentar livrarias, bibliotecas e feiras de livros para o hábito de leitura se tornar rotina na vida de todos.

Já Renata Junqueira Souza – PhD em Literatura e Educação e professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – afirma em artigo publicado em 2003 que a leitura tem vantagens quando comparada ao cinema e à televisão, porque o leitor lê onde e da maneira que lhe convém, no seu próprio ritmo. Junqueira também destaca que quando uma criança é incentivada a ler desde pequena, ela acaba tendo vontade de entender o que está escrito.

Nesse mesmo artigo, a professora discorre sobre a dificuldade de acesso ao livro que as crianças brasileiras têm. “Bibliotecas escolares são raras e quando existem, têm um acervo pequeno para o público infantil. As bibliotecas domésticas são ainda mais difíceis de serem encontradas e quando os pais se interessam em comprar livros para os filhos, muitas vezes escolhem o que vão levar pela capa, muitas vezes por falta de orientação sobre o que seria adequado para a criança”, completa.

Além da questão relatada no artigo, o preço dos livros acaba, muitas vezes,



Fotos: Amanda Damasceno

O foco principal do evento eram livros voltados para o público infanto-juvenil.

se tornando um problema. “Muitos livros infantis são caros”, afirma a estudante Jaqueline Pinheiro, que foi à Feira Ciranda do Livro, evento organizado pela Ponto Cultural Feiras e Eventos e

que aconteceu no Goiânia Shopping no mês de agosto, em busca de opções de literatura infanto-juvenil e o considerou uma boa oportunidade para comprar livros por um preço mais acessível, já que havia títulos a partir de três reais.

Questionamento

A estudante defende a feira como uma oportunidade de acesso à literatura infanto-juvenil, mas ao mesmo tempo questiona a decisão de ambientar a feira em um shopping. “Por que essa feira acontece dentro de um shopping, e não num lugar que mais pessoas poderiam ter acesso? Afinal de contas, fazer com que mais crianças tenham acesso à leitura é muito importante”, diz.

Diego Buttieri, gestor da Ponto Cultural Feiras e Eventos, afirma que a Feira Cirandado Livro surgiu ao ser de-

tectada uma carência provocada pela dificuldade de acesso aos livros e que, infelizmente, a estrutura da feira de livros é feita para shoppings. Segundo o gestor, o evento depende de parcerias que são oferecidas pelos shoppings. “Além disso, fazer uma estrutura para outros lugares, maiores e com maior fluxo de pessoas é, pelo menos por enquanto, inviável”, continua. Jaqueline entende a justificativa de Buttieri, porém espera que, mesmo que em shoppings, mais feiras possam ocorrer para, quem sabe, o hábito de ler possa ser parte do cotidiano das pessoas.



Último dia atrai mais compradores.

“Por que essa feira acontece dentro de um shopping e não num lugar que mais pessoas poderiam ter acesso?”

Jaqueline Pinheiro,
Estudante

Um passado imortal

COM A FALTA DE INCENTIVO À LITERATURA REGIONAL, OS JOVENS NÃO CONHECEM A HISTÓRIA DO NOSSO ESTADO

Texto : Mariana Felipe
Edição : Thalys Augusto
Diagramação : Lorena de Sousa

Muitos já ouviram falar do escritor Hugo de Carvalho Ramos ou já compartilharam alguma frase de Cora Coralina nas redes sociais. Muitos jovens já leram Bernardo Élis no período do vestibular, mas pouquíssimos leram livros de escritores goianos por prazer.

No Brasil, o público que mais lê é o jovem. Nessa faixa etária, os autores que chamam a atenção da maioria são os internacionais, com sagas e trilógias que prendem os leitores. Essas leituras não devem ser menosprezadas, mas como sabemos, a literatura é construída com o tempo e forma assim, parte do conhecimento cultural e histórico de um local: obras como "Ontem", de Leo Lynce, colocam a paisagem do sertão profundo de Goiás, na década de 20, no cenário da modernidade brasileira, tendo em vista que a Semana da Arte Moderna já havia acontecido, em São Paulo.

A justificativa de muitos é o linguajar, dito arcaico. Mas essas obras



Foto: Arquivo Pessoal

Membro da Academia de Letras incentiva filha a escrever literatura.

poderiam, assim como muitas outras, ser analisadas em salas de aula, com ajuda dos professores. Valéria Valle é Comendadora da Academia de Letras de Goiás e professora de literatura. Segundo ela, o cenário de valorização dos escritores e poetas goianos foi abraçado por algumas instituições do Ensino Superior do estado: "Essa integração pode proporcionar ao leitor um novo olhar sobre seu mundo interior e sobre o

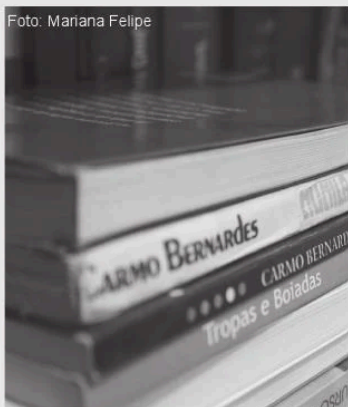
universo que o cerca. Pode ainda promover uma (re)visão de mundo que esclarece, revela e reverbera a nossa história e a nossa cultura com suas diversas e diferentes linguagens", afirmou Valéria.

O fato é que esse incentivo não começa desde cedo e quando o curso não se complementa com a literatura regionalista, o jovem perde a oportunidade de estudar o próprio pertencimento, o seu lugar. A bió-

loga Nina Dionízio, 29 anos, disse que aprendeu com os pais o gosto pelos livros, principalmente nacionais, e ainda os têm como melhores amigos. Em contrapartida, ela afirma que em toda a sua vida de estudante, foi pouco estimulada na área. "Sendo assim o pouco contato que tive com livros escritos por autores goianos foi praticamente acidental. Conheço um pouco da obra de Adeline da Silveira e Eli Brasileira que é meio goiano meio tocantinense, eu acho", completou Nina.

Ver a quantidade de jovens que foram às ruas, há menos de três meses, nos faz ver o quanto o sentimento de "não pertencimento" tem nascido em todos, em meio ao caos e a falta de planejamento da cidade de Goiânia. As leituras que nos levam a entender o nascimento e a construção da capital, como "Memórias do Vento", de Carmo Bernardes, poderiam ajudar a entender a história do nosso lugar e dar assim, mais veracidade aos gritos por melhorias, introduzindo neles a "melodia do cântico na terra" dos nossos autores, como Cora Coralina. Segundo a poetisa, os que fazem isso são imortais.

Foto: Mariana Felipe



Autores goianos e suas obras

Leo Lynce (1884-1954)

Com a obra "Ontem", Leo Lynce marcou o início da fase modernista nas letras goianas e apesar do título, a obra é considerada atual. Obras: Ontem, Romagem Sentimental, Rabiscos, Poesia Quase Completa.

Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921)

O autor é considerado, pela crítica nacional, um dos maiores regionalistas brasileiros. Obra: Tropas e Boiadas.

Bernardo Élis (1915-1997)

Foi o primeiro a único goiano a entrar para a Academia Brasileira de Letras. Seu livro "Veranico de Janeiro" foi considerado pela crítica, um dos 20 melhores do século XX. Principais Obras: Ermos e Gerais, O Tronco, romance; Primeira Chuva, poesia; Veranico de Janeiro

Cora Coralina (1889 - 1985)

É uma das maiores poetisas de Goiás. Com poesias sobre o cotidiano, o trabalho de Cora ficou mais conhecido

depois dos elogios feitos por Carlos Drummond de Andrade. Principais Obras: Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais, Vintém de Cobre, Meu Livro de Cordel.

Carmo Bernardes (1915-1996)

O autor é considerado um mestre da literatura regionalista, com a obra "Jurubatuba" elogiada por Jorge Amado. Teve como última profissão o jornalismo e era membro da Academia Goiana de Letras.

comportamento

Revistas femininas em debate

MODELOS DE BELEZA E COMPORTAMENTO VEÍCULADOS HÁ DÉCADAS COMEÇAM A SER REPENSADOS

Texto: **Júnior Bueno**
Edição: **Jéssica Alencar**
Diagramação: **Ana Letícia Santos**

“Sempre tem uma dieta na capa e eu vou tentando pra ver se dá certo”, é o que a comerciante Sandra Márcia vê de maior atrativo na revista *Sou mais* e que compra religiosamente toda semana na banca. Isto e o preço baixo, R\$ 1,99, que dá uma boa relação custo-benefício. A revista que Sandra Márcia lê para, segundo ela, se entreter vem de uma longa tradição voltada para mulheres e iniciada com o *Jornal das Senhoras* em meados do século 19. Atualmente estas revistas ainda tem público cativo e suscitam debates sobre seu conteúdo.

A edição de agosto da revista *TPM* trouxe na capa uma provocação às demais revistas femininas: todas as chamadas eram falsas e com exageros irônicos como “100 maneiras de segurar seu homem” e “Bulimia do bem – a hora certa de por pra fora”. A intenção, explicada na carta ao leitor feita pelo editor Fernando Luna é promover uma reflexão sobre os porquês das revistas femininas mentirem tanto para as mulheres, prometendo fórmulas milagrosas de beleza, moda e relacionamentos.

Nas redes sociais a *TPM* foi severamente questionada por, ao mesmo tempo em que critica outras revistas, não mostra as diferenças entre mulheres nas reportagens e ensaios. Ainda que traga sem sua pauta assuntos que vão além da “receita-para-prender-seu-homem”, a revista, segundo as críticas peca por raramente dar voz a mulheres negras, pobres ou gordas em suas páginas. Segundo a jornalista Lis Lemos, uma das autoras do site *Blogueiras Feministas*, “o jornalismo trabalha em cima de estereótipos e as revistas femininas fazem isto de maneira mais perversa. O

padrão mostrado na revista é de uma mulher quase sempre classe média, alta, branca e heterossexual.”

Sexismo

Esta discrepância entre o que é real e o que se publica não é novidade. Nos anos 60, a escritora Clarice Lispector assinava sob pseudônimo, uma coluna feminina na *Revista Mais*. Entre dicas de jardinagem e culinária, ela escrevia crônicas sobre o universo feminino e dava conselhos amorosos. Nesta época faziam sucesso em outra revista dicas como “A mulher deve procurar não se despir na frente do marido, pois se o fizer com frequência ele se acostumar com sua nudez e passará a não valorizar o seu corpo”. Esses conselhos saíam na *Capricho* há 50 anos atrás.

Curiosamente, é a mesma revista que em 2013, trouxe em um de seus blogs um texto assinado por um garoto de 15 anos que categorizava as mulheres em “para ficar” e “para namorar”, pregando que garotas para



Prendas domésticas em revistas da década de 50.



Famosos são modelos de padrões de beleza.

namorar não podiam se vestir de maneira vulgar. Criada em 1952, a *Capricho* era voltada para mulheres recém-casadas, interessadas em aprender prendas domésticas. Só nos anos 80 é que passou a falar com o público adolescente.

Na ocasião do post sexista, uma onda de protestos se ergueu contra a posição da revista. Muitas leitoras e ativistas feministas reclamaram publicamente. A editoria da *Capricho* retirou o post do ar, mas não se preocupou em trazer o debate para a revista. Não houve nesse caso um diálogo aberto com seu público alvo, adolescentes em idade de autoestima vulnerável, a respeito da autonomia da mulher sobre seu corpo.

Estes dois casos ilustram de maneira exemplar como o jornalismo feminino está em crise no Brasil. Some-se a isto a crise econômica que o mercado editorial atravessa, que obrigou a editora Abril a cortar títulos como a *Gloss* e a *LolaMag* e a queda do número de revistas vendidas em banca. “Hoje em dia está tudo na internet, as revistas não vendem mais como antigamente”, diz Marcela de Sousa, proprietária de uma banca na Vila Nova.

É nessa lacuna que os blogs de opinião ganham mais espaço, na contramão das revistas, por oferecer interatividade e também pelo caráter editorial mais engajado e autoral. “Há uma profusão de blogueiras disseminando mensagens de resistência e luta contra o machismo e a opressão. Com certeza uma nova geração de mulheres empoderadas por esse conhecimento vai chegar e mudar o jogo”, defende Lis Lemos.

Natureza com uma pitada de afeto

MÉTODOS NATURAIS DE MEDICINA POPULAR SÃO UMA BOA OPÇÃO PARA TRATAMENTOS DE DOENÇAS MENOS GRAVES

Texto: **Lorena de Sousa**
Edição: **Larissa Quixabeira**
Diagramação: **Bruna Mitchell**

Quem é que nunca contou para alguém que estava doente e escutou várias sugestões de ervas e raízes que fazem bem para isso ou aquilo? Esse conhecimento é a fitoterapia popular, onde plantas e seus derivados são matéria-prima para a cura e o alívio de males e doenças. Mas, por mais natural que seja, existem alguns problemas e cuidados que devem ser observados nesse tipo de tratamento.

Quem aponta alguns problemas da fitoterapia popular é professora de farmácia Leonice Manrique. A transmissão boca-a-boca é um deles, já que muitas vezes ela altera a forma tradicional de preparação do remédio. Outro deles, segundo a professora, é que o método natural é eficaz apenas em casos simples como resfriados, mas não com problemas mais graves do que esse.

Já para a bordadeira Elza Maria de Peixoto, o tratamento natural se basta em qualquer caso. "Meu neto tinha um ano de idade e foi desenganado pelos médicos. Ele era alérgico a qualquer me-



Fotos: Lorena de Sousa

Muitas plantas de fácil acesso, como a hortelã, são utilizadas em remédios naturais.

dicamento químico", conta. Elza Peixoto procurou a ajuda da vizinha benzedeira, que ensinou a ela o método alternativo da fitoterapia popular. "Eu comecei o tratamento dele e deu certo. Hoje ele é um homem forte com 24 anos", afirma.

Atualmente, a bordadeira procura adquirir mais conhecimentos sobre o assunto em livros, apostilas e cursos. Ela nunca deixou de estudar e optar pelo poder das plantas porque acredita que, apesar de lento, o tratamento feito com elas é mais benéfico e não agride o organismo, ao contrário dos medicamen-

tos químicos tradicionais. "O bom é que tem de tudo na natureza: tem antibiótico, tem analgésico, tem de tudo".

Cuidados

Para a professora Leonice Manrique e para Elza Maria Peixoto faltam estudos e divulgação do tema no Brasil, o que prevê ainda mais cuidados nesse tipo de tratamento. O acompanhamento médico, por exemplo, não pode ser dispensado. A principal dica, no entanto, é a necessidade da dosagem correta. "O

Xarope de cravo-da-índia

Para 100 ml de xarope:

- 30 ml de mel
- 30 ml de extrato de cravo-da-índia
- 40 ml de água fervida ou filtrada

Para o extrato de cravo da índia:

- 100 gramas de cravo-da-índia
- Álcool de cereais

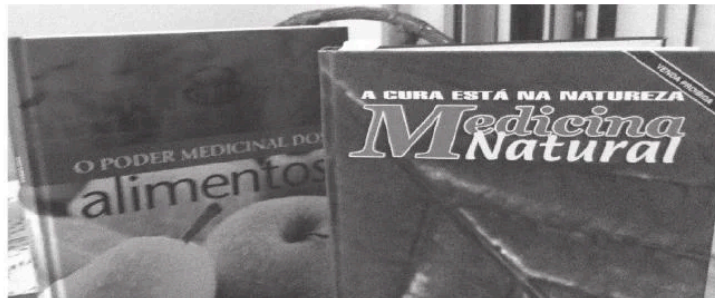
Pegue o cravo-da-índia e macere levemente. Cubra com álcool de cereais e deixe descansar por um período de 5 a 20 dias ao abrigo de luz e calor. Coe a mistura. À quantidade obtida, acrescente a mesma medida em álcool de cereais. Misture a água, o mel e balance. A receita é indicada para inflamações na garganta e estômago.



“

O slogan 'se é natural não faz mal' é errado. Uma preparação com planta medicinal tanto pode curar como intoxicar e até matar."

Leonice Manrique,
Professora doutora em farmácia



Livros ainda são a principal meio de informação para quem se interessa pelo tema.

slogan 'se é natural não faz mal' é errado. Uma preparação com planta medicinal tanto pode curar como intoxicar e até matar", completa.

Ainda assim, o mercado de medicamentos alternativos tem crescido cada vez mais. É o que diz uma vendedora de remédios naturais do tradicional Mercado de Campinas. A vendedora (que não quis se identificar), conta que, atualmente, todos os tipos de pessoas vão até sua banca procurar esse tratamento. Segundo ela, quem começa a utilizar seus produtos não para mais. "Se você toma direitinho todos os dias, ele cura mesmo. Quem vem comprar esses remédios naturais não quer mais tomar esses outros de farmácia", afirma.

esporte

O lado sujo do campo

HOMOFOBIA NO FUTEBOL DEIXA DE SER EMPURRADA PARA DEBAIXO DO TAPETE E GANHA DESTAQUE NO ESPORTE MAIS POPULAR DO MUNDO

Texto: **Alice Orth**
 Edição: **Eufrásia Songa**
 Diagramação: **Murillo Velasco**

Quando grande parte do mundo se voltar contra as severas leis de punição à homossexualidade na Rússia, descobrimos também a nossa sujeira. Uma foto no Instagram do atacante do Corinthians Emerson Sheik foi o estopim para manifestações homofóbicas na internet. Nela, o jogador aparece beijando um amigo. Um grupo identificado como integrante da torcida organizada Camisa 12 protestou em frente ao centro de treinamento do Corinthians, com cartazes que traziam mensagens como “viado aqui não” e “aqui é lugar de homem”, exigindo a retratação do jogador. A atitude acendeu discussões por todo o País. Em entrevista à rede Bandeirantes, Sheik respondeu aos ataques: “O mundo do futebol é muito machista. Quero deixar claro que em nenhum momento desrespeitei alguém. Acho que é um preconceito babaca”.

No futebol, muitos termos pejorativos são criados, como “Maria” para os jogadores do Cruzeiro, e “Bambi” para os são-paulinos. O professor e torcedor gremista Eduardo Santana, 22, acredita que o problema da foto é dar munição aos adversários: “Você não quer que nenhum outro torcedor oposto tenha armas contra você, e ter um jogador gay vai criar um alvo de piadas”. O psicólogo Rogério Borges Abrão explica: “Se tornar homofóbico ou qualquer outra

atitude social tem raiz na necessidade egoísta de pertencer a um grupo”, diz ele. “Podemos dizer que no desejo da criança de se identificar com pais, familiares e amigos ela passa a assumir o discurso destes como seus e a praticá-los.”

Para Abrão, “o futebol é rotulado como um esporte para homens, devido ao mesmo simbolismo de luta dos séculos anteriores, onde apenas homens iam para a guerra. Futebol é disputa e precisa ser ‘macho’, ‘viril’ para poder disputar algo”, “Pessoas sem essa representatividade social são banidas do esporte. Isto influencia no comportamento homofóbico porque esses torcedores acreditam que a população LGBT é incapaz de fazer algo socialmente produtivo.”

O jogador alemão Tony Quindt, casado com o goiano Diego Borges, já viu essa discriminação de perto: “Tenho um amigo que jogava para um time de futebol e era um dos melhores membros. Virou treinador de futebol juvenil. Era muito querido por todos, e se sentindo feliz e seguro, resolveu ‘sair do armário’. O presidente do clube o chamou

para uma reunião particular e disse que os pais das crianças não queriam deixar os filhos jogarem no clube pelo fato do treinador ser gay. Então ele teve que se retirar. Mas depois entrou em contato com os pais dos alunos e descobriu que o preconceito não era deles, mas do presidente do clube que não queria um homossexual no grupo”, conta ele.

“Não vou mentir que não fiquei com bastante medo de ter uma reação negativa, mas quando disse aos meus amigos

“Quem pratica homofobia geralmente não sente culpa porque está reproduzindo um discurso cultural que ele acha que está certo.”

Rogério Borges Abrão,
 Psicólogo



Foto publicada pelo jogador Emerson Sheik em seu perfil na rede social Instagram.

que era gay, ganhei mais respeito de todos os jogadores de futebol e treinadores”, diz Quindt. “Na Rússia não sofri nada porque ainda não tinha saído do ‘armário’. Na Alemanha, o preconceito existe, mas não é grande. A homofobia não afeta o time porque a associação de futebol alemã criou um folheto com instruções sobre o que se deve fazer quando há um gay entre eles.”

No Brasil, um dos primeiros jogadores profissionais de futebol a se assumir publicamente homossexual foi o gaúcho Wilson Zvirtes. Atuando nas categorias de base, ele afirmou em entrevista ao Esporte Espetacular que o preconceito sofrido já o impediu de ser contratado. Outro jogador vítima da homofobia no meio esportivo é o volante do Atlético Mineiro Richarlyson, que, mesmo não se identificando homossexual, é alvo de hostilidades. Apesar disso, o Atlético Mineiro tem um dos maiores movimentos independentes anti-homofobia e antissexismo dos times brasileiros, o Galo Queer. Outros times seguiram o exemplo, como o São Paulo, Grêmio, Flamengo e Internacional.

Não é a primeira vez que a temática

LGBT tenta conquistar seu espaço nos estádios. Muito antes da internet, em 1977, surgiu a Coligay, primeira torcida organizada gay do país. Fundada por Volmar Santos, em defesa do Grêmio, extinguiu-se na década de 1980 por pressão dos próprios fãs do clube. A flamenguista FlaGay foi mais uma tentativa que acabou frustrada, criada pelo carnavalesco botafoguense Clóvis Bornay e que lutou para sobreviver durante 1970 e 1990.

Para Abrão, “quem pratica homofobia geralmente não sente culpa porque está reproduzindo um discurso cultural, que ela acha que é certo”. Segundo ele, a mídia é uma das grandes responsáveis por isso: “Ela coloca o homossexual como pessoa distônica do padrão social, do que é esperado para homem e mulher, sem enfatizar que homossexualidade nada mais é do que afetividade sexual.” Mesmo assim, o psicólogo vê com otimismo o cenário atual “As lutas a favor da diversidade sexual estão extremamente fortes. As pessoas aparentam estar abertas a conviver com a homossexualidade, mas casos como o Sheik me fazem pensar como este ‘gene’ da homofobia ainda está ativo nos discursos sociais.”

Fotos: Arquivo Pessoal

c i n e m a

Sétima arte na era da homofobia

DEPOIS DE SE ACEITAR E ASSUMIR, O CINEMA BRASILEIRO GAY TENTA ADOTAR UM PÚBLICO E ENCONTRA OTIMISMO POR PARTE DOS ESPECTADORES

Texto: **Kaito Campos**
Edição: **Larissa Quixabeira**
Diagramação: **Jovana Colombo**

Algumas coisas vêm com a gente desde antes do nascimento, como tendência por ficar alto demais, roupinhas azuis, o nome e a cegueira do Leo. Mas outras coisas costumam aparecer mais tarde e de repente, como a chegada de um menino novo na escola do Leo, o Gabriel. Este evento é o sopra na fila de dominós que, tombando um ao outro, ativa num canto misterioso do cérebro um sentimento borito chamado amor. Leo está apaixonado por Gabriel.

“Como assim, apaixonado?”, pergunta Giovana, a melhor amiga do Leo. “Apaixonado de namora-do”, termina a declaração do Leo, um menino ainda e um menino para sempre, porque sua meninice foi fossilizada dentro do curta-metragem *Eu não quero voltar sozinho* (2010), do cineasta Daniel Ribeiro. O diálogo acima é a representação de uma cena do filme, que supera a barreira do tabu, ex-cede meiguice e

Diversidade na UFG

O Coletivo Fluidez tem a proposta de discutir diversidade sexual dentro da UFG. A ideia é realizar ações para promover conhecimento e visibilidade à militância gay. “A gente quer mostrar que, dentro da universidade, existe uma diversidade sexual que muitas vezes é apagada, anulada e violentada por práticas que são normativas”, explica Matheus França, integrante do grupo.

derrama ousadia, por tratar o amor gay de forma tão natural.

Pesquisador de gênero e sexualidade e diretor da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, o professor Luiz Mello conta que a presença de crianças em filmes assim é singular, porque “o grande pavor da expressão de afetos em relação aos homossexuais supostamente são as crianças. A lei na Rússia, em tese, é para proteger as crianças. Não podemos passar o beijo gay na TV porque as crianças assistem, como se ao presenciarem a cena (estalo de dedos) elas se tornassem homossexuais no susto!”.

Ao adentrar no inventário de filmes produzidos no Brasil com personagens ou temática gays, Matheus França, estudante de Ciências Sociais e militante da causa pelo Coletivo Fluidez, reforça a presença do medo. Medo por parte dos espectadores que fizeram com que a história do Leo e do Gabriel, parte de um programa do Governo Federal, fosse censurada nas escolas do Acre. E medo por parte das empresas na hora de patrocinar a produção desses filmes, exercitando o discurso de que suas marcas podem ficar relacionadas à homossexualidade. Vale lembrar que o conceito de homofobia também passa por aí, já que começa no medo, caminha pela aversão e termina na falta de respeito.

Flores Raras (2013), do diretor Bruno Barreto, é a produção brasileira mais recente a abordar um romance gay e teve dificuldades no orçamento por falta de patrocínio. Na porta do cinema, depois de assistir ao filme, a estudante de Biomedicina Fernanda Rezende, 18 anos, disse que gostou do que viu, mas se sentiu incomodada com a masculinidade da personagem interpretada por Glória Pires. “Parece que eles estavam tentando mostrar o estereótipo da lésbica meio macho”, relatou.

Foto: Kaito Campos



Casal de lésbicas interpretado por Glória Pires e Miranda Otto no filme “Flores Raras”.

Para organizar melhor este pensamento, o estudante Matheus França propôs que o cinema mostra o “resultado de um processo de construção discursiva que a gente ouve falar e vai criando noção. A mídia é uma representação de todas as representações que a gente faz.” A discussão retorna ao professor Luiz Mello, que lembra o quanto o cinema

nacional, em geral, sofre com a queda na produção e com o preconceito. Ele joga a questão numa linha do tempo: “há trinta anos, estas discussões eram muito mais difíceis do que agora e as coisas tendem a melhorar”. Neste ponto, as visões do professor e do aluno se mesclam, otimistas quanto à mudança da perspectiva gay pelos filmes nacionais.

Foto: Reprodução



Leo, Gabriel e Giovana, no curta “Eu não quero voltar sozinho”, censurado no Acre.

CULTURA

História das histórias

A PRONÚNCIA, A LINGUAGEM CORPORAL E O ENREDO VÃO ALÉM DA ESCRITA

Texto: **Thalys Augusto**Edição: **Luciene Dias**Diagramação: **Mardem Costa Jr.**

No interior da Bahia três primos e a avó cansada insistiam na vida. Certo tempo de muita seca, a senhora chamou as crianças e lhes entregou a tarefa de buscar água do outro lado do morro onde o riacho não tinha secado. Para cumprir a difícil missão chamou os meninos e explicou:

“Tem muito bicho que anda no meio do mato procurando algo vivo pra comer, tem que tomar muito cuidado, se perceberem o perigo, subam numa árvore e pinguem uma gotinha dessa aguinha mágica e lá ficarão seguros.”

Andando no mato, no meio do caminho, os três primos ouviram o barulho estranho do bicho, o grunhido da fera foi ficando alto, se aproximando, intimidando. Na maior rapidez os jovens subiram correndo sobre os galhos finos de uma árvore, sacaram do lí-

quido mágico e ao pingarem a primeira gota na madeira aconteceu uma grande explosão. A arvoretinha torta e seca floresceu e cresceu em tamanho e envergadura, deixando todos a uma boa distância do chão, onde logo apareceu o bicho, lá embaixo nas raízes, louco de fome.

Mas a segurança da árvore não durou muito tempo, o bicho faminto não sei de que jeito começou a subir pelos cipós e folhas quase alcançando as crianças que subiam mais ainda, sem ter para onde ir. “Insista na aguinha!”

Mais uma gota foi despejada e a árvore engrossou e subiu deixando a fera para trás, mas dessa vez na agitação do

momento, o pote de água milagrosa caiu embaixo e se espatifou

“Ai meu deus me acuda! A fera vem vindo! Amarela de vontade de comer!”

Conversa no museu

As lendas, mitos e contos passados através da oralidade não se comportam dentro de uma simples redação, sua compreensão envolve outros elementos. Os gestos, a forma de pronunciar as palavras e envolver o ouvinte faz do momento da contação de histórias algo que não se sustenta só na escrita, é outro tipo de linguagem que faz parte do conteúdo a ser percebido. Quando tento reproduzir a história que a avó de Aline Alcântara contava no quintal - lá da Bahia contada pelos seus bisavós, em tempo de dificuldade, para criança dormir e recitada para os netos na Vila Mutirão, em Goiânia - não consigo exprimir os trejeitos da contadora, a forma de transformar cada neto ouvinte em um personagem ou de brincar

com a fantasia assimilando coisas do cotidiano imediato na narrativa.

Essas histórias de tradição oral e o que elas dizem sobre a sociedade são assuntos que interessam muito a Nei Clara de Lima, doutora em Antropologia pela UnB, que me recebeu no Museu Antropológico da UFG, “Na hora que me falou pelo telefone eu lembrei dos Karajá. Eles contam o mito do Urubu Rei, que é uma referência importante na cosmologia dos índios Karajás.” Muito simpática me convidou para sentar em sua mesa em um ambiente separado: “Você edita tudo, tá?”

A antropóloga esteve nas cidades de

Jaraguá e Pilar, nos anos 80, onde ouviu e pesquisou muitas histórias de velhos moradores e a lenda da Tereza Bicuda. É em meio ao universo fantástico e mítico que segue o seu trabalho. “Para mim, todas essas histórias fazem parte da realidade, não no sentido de que aquilo que ela conta foi real, é a história que tem uma realidade e uma importância dentro da vida social. Ela serve para agregar as pessoas, passar exemplos, sentidos, moralidade, valores e tudo mais.” Considerando isso, em seu livro *Narrativas orais: uma poética da vida social* a autora não se preocupa em fazer a distinção entre o histórico e o fictício. Para ela, o que faz sentido nessas histórias são os valores que estão sendo vividos e disputados na vida cotidiana das pessoas.

É nesse terreno entre o real e o imaginário, o sociológico e o alegórico - que a professora chama de discurso do encantamento - se aproxima de teorias sobre escritores latino-americanos do chamado realismo mágico, como Alejo Carpentier e Gabriel García Marquez, que tem em sua literatura coisas irreais e ficções que parecem ser reais. “Houve uma série de estudos desse gênero literário que diziam que a América Latina era propícia para produzir isso, porque o tipo de colonização aliou tanta violência, tanto imaginário católico e ao mesmo tempo cobiça pelo ouro e tudo mais, que propiciou a gente ter essa capacidade de pensar as coisas mais inverossímeis junto com as coisas da realidade”, explica.

Cultura e Regionalismo

Assim como o caso da avó de Aline, que trouxe o conto do Urubuzinho Rei da Bahia, Nei Clara de Lima observa a transformação e multiplicidade das histórias considerando a migração interna. Quando fez seu doutorado, acessou lendários de autores folcloristas dos anos 40 e 60, cujas obras continham estrutura e conteúdo muito próximos das lendas que ouviu em Pilar e em Jaraguá. “Esse pessoal pegou as lendas de São Paulo, Minas e depois Goiás. E o que eu tenho nesse percurso aqui? Eu tenho todo o processo de ocupação do Centro-Oeste através dos bandeirantes trazendo o seu imaginário de lendas pra cá” explicou.

E considerando essa dinâmica da cultura, a autora repensa o que é chamado de regionalismo e cultura local. Aline morava na divisa com o Tocantins, passava as férias em Goiânia onde ouvia histórias da Bahia, considerando esse exemplo questionei o termo lendas goianas. “E aí a gente entra para uma questão interessante.

Quando a gente fala de cultura, não é possível fazer coincidir a região marcada geopoliticamente ou administrativamente, como quando se fala ‘a cultura de Goiás’ Que goiás é esse?! Onde?! Se você for perguntar sobre seus pais, seus avós, cada um veio de um lugar. Eu compartilho da noção de que a cultura é uma estrutura de longa duração”.

“Cultura é uma estrutura de longa duração.”

Nei Clara de Lima,
Doutora em antropologia



Foto: Thalys Augusto

arte

Dança não agrega todas as realidades

POUCO ACESSO E AUXÍLIO FINANCEIRO CONTINUAM SENDO EMPECILHOS PARA VIVÊNCIA DA ARTE

Texto: **Marina Romagnoli**
Edição: **Laura Machado**
Diagramação: **Larissa Quixabeira**

O balé clássico é muito apreciado, mas normalmente tem um custo caro, o que faz com que várias crianças interessadas nele não tenham a oportunidade de praticá-lo. Aqui em Goiânia existem diversas escolas especializadas no ensino de danças dos mais variados estilos, entretanto, somente o Centro Cultural Gustav Ritter e o Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França e

Escola de Arte Veiga Valle são administrados pelo Governo do Estado de Goiás e, portanto, públicos.

Giovana Gomes de Carvalho, 11 anos, é um dos casos de jovens que têm paixão pelo balé, mas não têm recursos financeiros para seguir a carreira. Ela estudou balé clássico e música durante um ano em uma

“
Ela aprendeu a ter disciplina e responsabilidade com a dança.”

Simone Ilza,
Mãe de Giovana

escola particular. Sobre os benefícios que a dança lhe trouxe, Giovana ressalta a desinibição, delicadeza, autoestima e determinação, e reforça a vontade de voltar a dançar. “Ela aprendeu a ter disciplina e responsabilidade com a dança”, afirmou Simone Ilza, mãe de Giovana. Simone considera que caso houvesse, dentro das escolas municipais e estaduais, projetos que contemplassem melhor as artes, estes teriam grande procura assim como as atividades esportivas, levando os jovens para o ambiente escolar e os afastando das drogas e da violência.

Seleção

Nas instituições públicas de cultura a quantidade disponível de vagas não é correspondente à quantidade de pessoas interessadas, o que tornou necessária a realização de processos seletivos. Segundo a Supervisora de Dança do Gustav Ritter, Le-

tícia Pacheco, o centro cultural tem como foco a formação de bailarinos e, mesmo sendo aberto ao público em geral, o objetivo do processo não é selecionar crianças de baixa renda, mas sim identificar crianças e jovens com aptidão para a dança. Nessa avaliação são observados

biotipo, elasticidade, coordenação motora, musicalidade e a capacidade de expressão e de assimilação dos concorrentes.

Leticia disse ainda que a escola procura colaborar com os alunos mais necessitados e que ainda assim muitos não conseguem arcar com o material necessário para as apresentações ou mesmo com o transporte para poder frequentar as aulas corretamente. Ela também destacou que a diversidade de culturas e realidades entre os bailarinos do Gustav Ritter é notável e que estas diferenças atuam de forma bastante construtiva na formação dos estudantes.

Recentemente foi promovida uma seleção de 100 crianças para estudar balé clássico e street dance em uma esco-

Fotos: Arquivo Pessoal



Coordenadora Leticia Pacheco ajuda a realizar sonhos.

la privada com ajuda de custo da prefeitura, mas não é conhecido nenhum projeto que garanta essa possibilidade de contato com a dança de forma mais abrangente e mais próxima às crianças com menos recursos financeiros.



Giovana quando ainda estudava ballet clássico.



Para mãe e filha, balé é sinônimo de despesas.

Transporte de qualidade ainda é sonho

PASSAGEIROS QUE DEPENDEM DE ÔNIBUS ENTRE GOIÂNIA E ANÁPOLIS RECLAMAM DE ATRASO E SUPERLOTAÇÃO DAS LINHAS INTERMUNICIPAIS

Texto: **Miqueias Coelho**

Edição: **Jessika Morais**

Diagramação: **Luiz Fernando Carvalho**

O transporte intermunicipal no estado de Goiás sempre foi alvo de críticas. E não é diferente com a linha semiurbana operada entre Goiânia e Anápolis, pela Viação Aragarina do grupo Odilon Santos, desde a década de 1960. É comum ouvir queixas, quanto ao serviço, de pessoas que necessitam do transporte. Os passageiros reclamam principalmente do atraso frequente e da superlotação.

O mecânico José Luiz da Silva mora em Anápolis, trabalha na capital, e depende todos os dias da condução. Ele diz que não é raro esperar mais do que o prazo estipulado pela empresa entre a saída de um ônibus e outro. "O máximo para esperar é meia hora, mas já aconteceu de eu esperar

mais de uma hora e meia, e aí o ônibus sair lotado", reclama o usuário.

Outra passageira que enfrenta diversas dificuldades é a dona de casa Eliane de Fátima Cunha. Ela explica que é muito incômodo viajar em pé, e que muitas vezes os motoristas nem se importam com isso. "A gente chega à rodoviária, tem que enfrentar fila, o ônibus sai lotado e não tem explicação nenhuma", lembra, ressaltando que é perigoso haver pessoas em pé dentro de ônibus que fazem transporte intermunicipal. Quanto a isso, a Agência Goiana de Regulação, Controle e Fiscalização de Serviços Públicos, a AGR, explica que ainda não existe regulamentação para a questão da lotação no serviço semiurbano.

Muitas vezes, os passageiros acabam por culpar os motoristas dos ônibus pelos problemas apresentados. José Dias trabalhou nessa função na Viação Aragarina, e explica que o

motorista só cumpre a escala. "Ele não pode sair num carro porque o outro está atrasado, tem que cumprir a hora", explica, acrescentando que existem motoristas que realmente abusam, mas que a maioria deles,

se pudesse, faria o possível para que tudo saísse como planejado.

A AGR, afirma que a fiscalização busca garantir as boas condições ao usuário, principalmente no combate ao transporte clandestino, e na medida do possível estar à disposição do usuário. Mas a dona de casa Eliane Cunha diz que isso nem sempre acontece. "Você quase não vê fiscal à noite, eles desaparecem depois das seis horas da tarde e o que já era tenso só piora", reclama.

Sobre a questão dos atrasos, a AGR explica que muitas vezes são problemas de estrutura e trânsito que os levam a acontecer. Além disso, a agência está transcorrendo o início

Fotos: Miqueias Coelho e Edden Brito



Cartaz de campanha do governo contra o transporte clandestino.

de um processo de licitação do transporte intermunicipal em Goiás, desde o mês de maio, para redefinição do transporte não apenas semiurbano, mas em todo o estado.

“
Você quase não vê
fiscal à noite, eles
desaparecem e o que já
era tenso só piora.”

Eliane Cunha,
Dona-de-casa

Clandestino

Muitos usuários dizem que, com os problemas nas linhas regulares, o uso do transporte clandestino não licitado é feito. Eliane Cunha ressalta que já usou esse tipo de transporte, quando não teve mais paciência para esperar pelo ônibus.

A AGR apreendeu 295 veículos que faziam transporte clandestino nos meses de maio e junho de 2013, numa tentativa de coibir a atividade. "Não adianta", diz Eliane, "eles sempre voltam, e enquanto não melhorar o transporte normal, a gente sempre vai ficar tentada a ir de lotação," acrescenta.



Ônibus superlotado saindo da Rodoviária de Anápolis em direção a Goiânia.

Goiás apresenta menor índice de inflação

COM BOAS EXPECTATIVAS, ESPECIALISTAS APOSTAM NO CRESCIMENTO INDUSTRIAL DO ESTADO

Texto: **Ananda Petineli**
Edição: **Karla Araujo**
Diagramação: **Luiz da Luz**

Num ano em que a economia brasileira está em alerta por causa da crescente taxa de juros e da alta da inflação, a economia goiana mostra-se melhor que o restante do país. De acordo com o Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos da Secretaria de Gestão e Planejamento (IMB/Segplan), a inflação de Goiânia registrou índice negativo de 0,58% no mês de julho, sendo que, no mesmo mês, o país teve variação inflacionária de 0,03%.

A chefe do gabinete de gestão do IMB, Lilian Silva Prado, acredita que a expectativa para a inflação goianiense nos próximos meses é boa e que a taxa deve ficar baixa, mesmo não alcançando novos índices negativos. Além disso, Prado afirma que o acumulado deste ano deve ficar abaixo do patamar do ano passado. "Nós fechamos julho com uma inflação de 2,94%, que é bem menor do que o acumulado do ano passado. Com um cenário de boas perspectivas para os índices dos próximos meses, podemos afirmar que a inflação de 2013 será menor que a do ano passado", declarou.

O professor de economia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Mauro César de Paula, defende que a estabilidade inflacionária na capital deve se estender até a segunda quinzena do mês de novembro, com pequenas oscilações em dezembro. Segundo o levantamento do IMB, os grandes responsáveis pela deflação de Goiânia foram os alimentos, como o tomate, a cebola, o repolho, a alface e a batata inglesa; os transportes, com o retorno

da tarifa de ônibus a R\$2,70; e a conta de água e esgoto. Contudo, entre os consumidores, a percepção desses valores foi um pouco diferente.

Contradição

A dona-de-casa Jacinta Juvenal (53) acredita que o preço dos alimentos aumentou, apesar de alguns itens terem diminuído. "Eu percebi que diminuiu o preço de algumas coisas, como o tomate, por exemplo, que estava custando um horror. Mas a maioria das outras coisas, como o leite, aumentaram demais de valor", conclui.

Adelina Francisco de Torres (57), também dona-de-casa, percebeu que a diminuição do custo das verduras e legumes auxilia no orçamento da casa, porém também notou aumento de preços nos produtos industrializados. Entretanto, a maior crítica da consumidora foi o aumento do valor da conta de água e esgoto, mostrando que a diminuição apontada pelo governo não foi sentida pela população. "De um mês para o outro, minha conta ficou 30 reais mais cara e eu não aumentei o consumo. Eu acho que a taxa é muito alta, porque para a gente, que não tem condições, pesa demais. E é um valor que daria pra com-



A chefe de gabinete do IMB afirma que a inflação deve continuar baixa.

“
Eu percebi que diminuiu o preço de algumas coisas, como o tomate, por exemplo, que estava custando um horror. Mas a maioria das outras coisas, como o leite, aumentaram demais de valor.”

Adelina Torres,
Dona-de-casa

prar remédios, por exemplo”, declara.

A gerente de supermercado, Rosana Ferreira da Silva (34) confirma o aumento de preço da maioria dos produtos, mas diz que, mesmo assim, as vendas não diminuíram. Segundo ela, os clientes com poder aquisitivo maior continuam comprando os mesmos itens; já aqueles que não possuem tanto poder de compra, substituíram os itens mais caros por outros mais baratos.

Outro ponto preocupante da economia goiana é o crescimento industrial, que apresentou tímido saldo positivo de 1,3% em julho de 2013, segundo uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A professora de economia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Cláudia Regina Carvalho, atribui o baixo crescimento industrial do estado à alta da inflação nacional e ao baixo crescimento industrial do país. Contudo, tanto Cláudia quanto Mauro acreditam que deve haver aumento de investimentos empresariais no estado, principalmente no ramo das multinacionais.

Foto: Ananda Petineli



A dona-de-casa Adelina Torres reclama do aumento da conta de água.

“Do ponto de vista das empresas exportadoras, as multinacionais, que atuam no estado, a depreciação cambial irá ajudar, e não atrapalhar, haja vista que torna as exportações do país mais competitivas”, defende a professora. O docente da PUC ressalta que Goiás é um polo de atração de investimentos, pois possui uma boa política de relações internacionais e tem um alto potencial de mercado, com destaque para o escoamento da produção, facilitado por conta da localização próxima ao Distrito Federal.

Entenda o “economês”

Inflação: aumento generalizado de preços, causando perda do poder aquisitivo e desvalorização da moeda

Deflação: queda do nível geral dos preços, causando a queda na procura por produtos e aumento da oferta; é o oposto de inflação

Depreciação cambial: situação em que a moeda está desvalorizada em relação às principais moedas estrangeiras, que são o euro e o dólar

religião

Jovens destinados ao avivamento

EVENTO NO SERRA DOURADA REÚNE 50 MIL PESSOAS QUE ACREDITAM NO PODER DO EVANGELHO DE CRISTO

Texto: **Wanderson André**
Edição: **Eufrásia Songa**
Diagramação: **Leandro Stoffels**

Em setembro do ano 2000, o pastor da igreja Videira Naor Pedroza, fundador e líder do Ministério Radicais Livres, foi desafiado a iniciar um trabalho com jovens com cerca de 350 pessoas. O movimento surgiu com o objetivo de trazer mudança para a juventude brasileira. Apesar de ser evangélico, o intuito do grupo é conquistar qualquer denominação ou credo através da ministração do evangelho de Jesus Cristo.

O nome do ministério se deve ao estilo de vida pregado por seu líder. Os jovens tratam com "radicalidade" alguns assuntos que a igreja acredita ser impróprios para determinados momentos da vida, como por exemplo, o sexo fora (ou antes) do casamento. Por outro lado, são livres do legalismo religioso, não adotam uma liturgia pré-definida para se expressarem, eles apenas imitam os passos de um homem que dividiu a história, Jesus.

No início, a conferência era realizada no prédio da igreja Videira em Goiânia no setor Bueno, com capacidade para aproximadamente cinco mil pessoas. Com o passar dos anos, e também devido a popularidade do grupo, os organizadores ampliaram o evento, assim, em 2009 a conferência passou a ser realizada no ginásio Goiânia Arena. Na ocasião o público foi de 20 mil pessoas. Em 2010, devido ao sucesso do ano anterior, a dose foi repetida, reunindo novamente o mesmo número de pessoas. Em 2011, a maioria já dava como certa a lotação do ginásio. E como já era de se esperar, o evento foi considerado um sucesso pelos organizadores.

Ascensão

Percebendo um crescimento anual da conferência, os dirigentes da igreja Videira programaram a mudança do local para um espaço maior em 2012. A partir daí, deixou de ser um evento apenas para jovens e passou a ser aberto para todas as idades, sem faixa etária definida. No dia 7 de setembro do ano



Fotos: Wanderson André

Na conferência deste ano, estádio Serra Dourada recebeu um público de 50 mil pessoas.

passado, o estádio Serra Dourada em Goiânia recebeu um público de 56 mil pessoas para o Radicais Livres. Além dos goianos, teve a presença de confe-

rencistas de vários estados brasileiros, e até, de outros países. Este ano o evento aconteceu nos dias 6 e 7 de setembro no mesmo local, somando os dois dias reuniram 80 mil pessoas.

Produções como estas, são tentativas da igreja de materializar o que está escrito nos livros cristãos. Segundo Fabiana Leal, que participou das últimas quatro edições, a conferência não é apenas mais uma opção de entretenimento. Ela diz que as pessoas se reúnem com o propósito de serem instruídas pela palavra de Deus, a bíblia. O objetivo do evento, segundo o líder do movimento Naor Pedroza, "é aflo- rar nas pessoas o desejo de seguirem os ensinamentos de Jesus". Ao contrário do que muitos pensam a conferência não é um festival de música gospel ou um show. É uma oportunidade de desmistificar os estereótipos que atingem o cristianismo protestante.



No segundo dia do evento, participantes cantam o hino nacional em comemoração ao Dia da Independência do Brasil.

C O M U N I C A Ç Ã O

Para sintonizar, basta um clique

É CRESCENTE A PRODUÇÃO DE MATERIAL EXCLUSIVO PARA A INTERNET

Texto: Marco Faleiro
Edição: Jéssica Alencar
Diagramação: Larissa Quixabeira

A internet está cada vez mais presente na vida e no cotidiano das pessoas. Quase todos os setores das nossas vidas se estendem também para a rede (os bancos, as lojas, as bibliotecas, as videolocadoras, os músicos e praticamente todos os indivíduos contemporâneos). E isso não seria diferente com a mídia e com o entretenimento.

É comum que o sujeito, em vez de acompanhar a novela na televisão, assine um canal no Youtube e assista religiosamente aos vídeos ali postados. O mesmo para as revistas, abandonadas em benefício dos blogs.

O estudante de Ciências Sociais na UFG, Ian Caetano de Oliveira, se considera um adepto das novas mídias. Porém, Ian admite que a produção na web não seja tão boa em relação à televisão, mas está certo de que o conteúdo o interessa mais. Ele crê também que a internet abriu portas para bons conteúdos que não teriam espaço na grande mídia. "Mas isso não significa que o espaço da internet também não seja sectário", reconhece.

Porém a discussão em torno desse assunto ainda é cheia de incertezas e as previsões fatalistas já se provaram equivocadas. É um caso que bem lembra o web-radialista, Cícero Júnior. Ele afirma categoricamente "a internet nunca vai engolir a televisão e o rádio. Diziam até que o rádio ia morrer com o surgimento da televisão. E o que foi que aconteceu?". Para Cícero, as novas mídias fazem com que os comunicadores tenham que se reinventar sempre.

E esse foi o caminho que o profissional desejou trilhar. Começando no rádio AM, ele conquistou um público

fiel e decidiu empreender e começar a veicular o seu produto pela internet foi principalmente por causa da precariedade da estrutura das rádios convencionais. Equipamento com defeito, falha na transmissão e ausência de operadores eram problemas comuns no rádio AM.

Cícero conta que teve que investir alto para montar uma estrutura que permitisse a empreitada. Para ele, as vantagens da webrádio são a flexibilidade de horários, a exclusividade dos equipamentos, a interatividade com o ouvinte e até uma maior liberdade de expressão. Já a desvantagem que o cronista encontrou ao sair do rádio convencional foi a perda daqueles ouvintes de idade mais avançada. "Na maioria, as pessoas mais idosas não têm hábito de fazer uso da internet". O empresário ainda considera o alcance da televisão maior do que o dos veículos na internet.

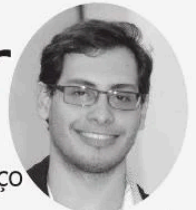
A teorização na área da comunicação global potencializada pela internet ainda não é conclusiva e capaz de fazer previsões concretas. Mas esse é, sem dúvida, um vasto campo a ser explorado pelos comunicadores e produtores de conteúdo.



Mídia ultrapassa fronteiras da tecnologia.

Um Outro Olhar

Por WÉBER FÉLIX



UMA PARADA DA SOCIEDADE E SEU PLENO AVANÇO

Tarde escaldante que faz com que qualquer um procure um abrigo para se esconder. Mas lá fora, de todos os cantos dessa cidade e também do estado, várias pessoas não se importam com esse clima e saem de seus lugares para se reunir. Qual a força desse povo? Qual a minha força para enfrentar todos meus preconceitos guardados em mais de 22 anos? Sim, o compromisso acordado, há alguns dias, me faz levantar do meu abrigo e procurar uma explicação para toda essa festa. Festa ou manifestação? Qual o real motivo pra que mais de 120 mil pessoas se concentrem próximas ao Parque Mutirama e de lá saiam pelas ruas de Goiânia entoando, ao som de várias músicas, um só grito?

Quem por ali passasse, confirmaria todos os estereótipos que são dados às lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais. Na verdade, nem essa distinção seria feita, para a grande maioria são todos iguais. E para mim não foi diferente, a primeira impressão também confirmou todo o imaginário de que se tratava a Parada Gay. Um movimento festivo onde todas as bichinhas afeminadas se jogavam ao som da batida, loucamente até conseguir atrair atenção de um bofe que o pegasse. Meu Deus! Que lugar é esse? De onde surgiu essa galera? A vontade imediata é de sair correndo daquele lugar ou até mesmo me esconder em um abrigo para que ninguém me visse.

Mas já estava ali e não tinha como voltar, o jeito seria enfrentar aquela 'multidão' e conseguir me estabelecer em um canto: bem cômodo e assistir toda aquela presepada. Passando e me esbarrando por todos eu via em seus rostos uma alegria inconstante que transbordava sem receios ou passível de julgamentos. Até então nada me motivaria voltar mais um ano para 'aquele lugar'. No fim da tarde depois de várias músicas, de cima de um dos trio-elétricos um dos organizadores começou a homenagear algumas personalidades que sempre ajudaram nesses 14 anos de realização da Parada Gay. E não só isso, dali ecoava pedidos de respeito, de tolerância e de afirmação. Um detalhe que me chamou atenção foi que toda vez que se dizia lá do alto: "Eu tenho orgulho de ser gay". Todos, com poucas exceções se mobilizavam, aplaudiam e gritavam bem alto: "Eu sou gay e feliz".

Ali, naquele momento minha ficha caiu. Essa 'multidão' tem sim uma cons-

ciência. Saíram de suas casas com uma intenção. Elas sabem o real peso de ser gay na atual sociedade e, mais que isso, elas sabem que a Parada significa uma ação contra os preconceitos e julgamentos dos homens e mulheres 'normais'. Aliás quem ali não é normal? A orientação sexual escolhida ou não por quem quer que seja não é elemento que a distingue e a ponha fora do mundo normal. Claro que uma coisa se confirma: nós somos diferentes e queremos ser aceitos assim. A nossa especificidade é mais uma diferença que individualiza o Ser. Ou seja, cada um é diferente. Nos mais de seis bilhões de habitante do globo, ninguém é igual. Todos são diferentes.

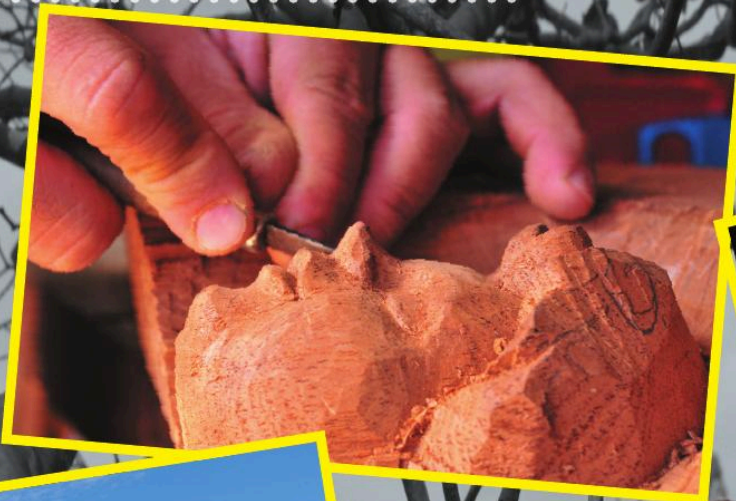
Cores, brilho, paetês, muitas purpurina... Só isso e por que não? As várias cores do arco-íris, símbolo do movimento LGTBTT significam isso, as várias facetas que o grupo representa. Na multiplicidade de rostos e individualidades que se somam e se mostram não ser homogêneo. Talvez quem visse de fora se escandalizasse e até se enfurecesse por aquele movimentinho parar o trânsito da cidade. Mas as pessoas de dentro de seus carros, surpreendentemente para mim, apoiavam aquela festa ao aplaudir. Um casal hétero quando perguntado por que estava ali, me disse que gosta de participar e que acha lindo. A sensação depois de tudo é que sou normal. Que eu posso sair às ruas e dizer quem, na realidade, eu sou. Dançar como eu quero. Andar e trajar as roupas que eu quero usar. Sentir orgulho e poder andar de mãos dadas com meu namorado. Festa e movimento combinam? Claro que sim. Aquela festa é para chamar a atenção da sociedade para o fato de que existimos. Mais do que isso, que podemos ser felizes da forma como somos e isso não impede que possamos conviver em harmonia.



o l h a r e s

Saga do ser...

Texto: Júnior de Oliveira e Renato Veríssimo
Diagramação: Larissa Quixabeira



Sagarana, pequena vila no interior do sertão mineiro, traz, em seu nome, a reverência a Guimarães Rosa e, em sua história, o fato de ser o segundo assentamento agrário do Brasil. No cultivo de suas vidas, recebem a cada ano o Festival Sagarana: feito rosa para o sertão. Assim, Sagarana, entre 2 e 8 de setembro, mais uma vez relembrou, discutiu e celebrou sua saga.